

## O DESASTRE

Convidou o governador Juscelino um bando de jornalistas a ir a Ouro Preto, e até se lembrou deste pobre de mim, como diz o Antônio Maria.

Agradei, mas não fui. A companhia do velho Vargas não convém em nada ao velho Braga; conheço essas coisas: come-se poeira dos automóveis de todos os gregórios e no fim se ouve um mau discurso.

Ainda este ano quero ir a Ouro Preto descansar e sonhar um pouco no lindo hotel que Oscar Niemeyer desenhou, subir e descer minhas ladeiras, ver igrejas, ouvir marlins. Mas não me agradaria escutar na terra onde o bom Tiradentes sonhou com a liberdade um ex-ditador chorar misérias porque não é mais ditador; chorar porque não pode impedir que na Câmara e na Imprensa se diga que alguém de seu governo está furando.

No lugar de punir os ladrões, o homem se zanga e se lamenta; que é que o pobre do Tiradentes tem com isso? Ele nunca foi "tira" nem Censor do DIP.

E também deve ser triste ver a Pampulha transformada numa enorme póça de lama, com todos os peixes mortos ali junto da igreja de S. Francisco que era tão amigo deles. Firmar e restaurar não apenas a represa como a igreja e todos os edifícios do conjunto lindo; criar uma Pampulha melhor, sem doença na água e sem desprezo do governo. Esperemos que isso se faça e se faça ainda mais: que se plante muitas árvores, não apenas pequenos jardins coloridos na imensidão árida, mas bosques altos e verdes para emoldurar a lagoa, para lhe tirar aquela indefinível tristeza de coisa artificial que ela sempre teve.

Dito o que, façamos votos para que haja um pouco mais de cuidado nos senhores engenheiros e um pouco menos de leviandade no senhor governador, que mistura Tiradentes com Vargas e depois estranha que aconteçam coisas.

24/4/54 R. B.